Extra!

MÃO-DE-OBRA

Mais e melhores empregos

Marcos Sawaya Jank
Fernando Sawaya Jank

O que esperar do setor agropecuário com relação ao emprego?

Muitos empregos e que sejam de boa qualidade.

A evidente necessidade de ajustar a economia brasileira e a proximidade das eleições dão um tom ideológico ao debate sobre as principais questões nacionais. Políticos, imprensa e acadêmicos tendem cada vez mais a polarizar as discussões em termos maniqueístas, como se houvesse um lado sempre bom e um sempre mau em todas as questões, entre as quais se encontra a do trabalho rural.

A imprensa tem veiculado artigos sobre um pretenso conflito entre a agricultura patronal – em geral no papel de vilã – e a familiar – a *mocinha*. Uma pesquisa sobre o papel que a sociedade espera ver cumprido pelo setor na certa revelaria como principal prioridade a *garantia de abastecimento* de produtos agropecuários com *alta qualidade* e *custo baixo*. É provável que cidadãos mais esclarecidos indicassem também a geração de *divisas* via exportação, o pagamento de *impostos*, a proteção ao *meio ambiente* e a oferta de *empregos*, atribuições esperadas de todos os setores produtivos nacionais. Mas desenvolver um determinado modelo de produção, como o familiar ou o patronal, certamente não é um objetivo prioritário diante dos anteriores.

O desemprego é um dos problemas do momento, e há quem veja uma relação maléfica entre patrões rurais e emprego. O que se pode esperar do setor agropecuário com relação ao emprego? O mesmo que de qualquer outro setor: que forneça muitos empregos e que sejam de boa qualidade. Afinal, boa qualidade do emprego significa, em grande parte, renda individual elevada incluindo benefícios adicionais como acesso a saúde, educação, ambiente urbano e bens culturais, tempo livre (descanso semanal, férias) e não-utilização de trabalho infantil. Além disso, não se pode ter visão curta: o emprego não se limita à etapa dentro da porteira mas existe em toda a cadeia agroindustrial.



Só não se pode imaginar que milhões de famílias tendo que dividir o equivalente a menos de um salário mínimo por trabalhador seja uma solução ideal. A tabela mostra a renda líquida por trabalhador estimada numa área de 20ha (metade dos produtores do estado de São Paulo possuem até 20ha), hipoteticamente ocupada com cinco produtos alternativos da pauta agropecuária nacional – milho, soja, arroz, feijão e leite. Isolados ou em conjunto, os dados mostram que a opção por qualquer deles não permitiria rendas superiores a um salário mínimo por trabalhador, quase sempre sem direito a descanso semanal ou férias e freqüentemente utilizando trabalho infantil.

Como, então, aumentar a renda e o número de empregos? Essas coisas em geral andam juntas: o aumento da renda depende de *aumento da produção*, que requer maior consumo de insumos e serviços, que gera maior emprego no setor agropecuário e ao longo da cadeia agroindustrial. E o aumento da produção decorre obviamente do *aumento das vendas*, que, numa economia aberta como se tornou a brasileira, depende cada vez mais da *competitividade*, ou seja, da capacidade de produzir com qualidade e custo baixo.

Não adianta querer insistir na sustentação de modelos de produção que não sejam os capazes de propiciar a melhor relação custo/qualidade possível. A longo prazo, o mercado fatalmente acaba inviabilizando os de pior relação. A não ser que se queira enterrar significativo volume de recursos públicos na forma de subsídios ou prejudicar os consumidores por meio de barreiras comerciais e/ou estabelecimento de cotas de produção, a exemplo do que ocorre na protegidíssima agricultura européia. Portanto, se a sociedade quer debater a questão do emprego no campo, tem de pensar na promoção de sistemas agroindustriais competitivos e sustentáveis no longo prazo, e não preocupar-se com a seleção de modelos de produção agrícola mais viáveis.

O sexo dos anjos

O suposto conflito entre agricultura familiar e patronal merece alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, a própria categorização de uma e outra é um debate sobre o sexo dos anjos, uma vez que nunca predominam modelos puros, apenas familiares ou apenas empregados encarregando-se da produção, mas modelos mistos, normalmente com propriedade e execução das principais operações (a começar pela gestão) a cargo da família e simultânea utilização de mão-de-obra contratada, permanente ou temporária, em quantidade menor ou maior que de familiares.

Além disso, é muito difícil indicar qualquer um dos dois modelos como genericamente mais competitivo e, portanto, capaz de gerar maior renda. Para começar, as restrições em relação a capital, recursos naturais e mão-de-obra diferem enormemente entre países e regiões. A nossa agricultura familiar sobrevive basicamente do autoconsumo, com ínfima

Renda líquida no campo

Estimativa da renda mensal de uma área familiar de 20ha (R$)

Opções	Produtividade (t/ha)[1]	Preço (R$/t)[2]	Custo (R$/t)[3]	Renda líquida		
				Anual	Família/mês	Trab./mês[4]
Milho	3,1	128	93	2.178	181	73
Soja	2,5	245	189	2.749	229	92
Arroz	1,8	292	230	2.232	186	74
Feijão	1,0	700	560	2.801	233	93
Leite	1,8	268	216	1.891	158	63

Fontes: Conab, IEA, FNP e estimativa dos autores (leite).

[1] Produtividade média do estado de São Paulo (safra 1996/97).

[2] Preços médios das safras 1996 e 97, exceto para a soja (safras 1994 a 97).

[3] Custos para plantio convencional em São Paulo, excluindo gastos com mão-de-obra.

[4] Em R$ por trabalhador, considerando 2,5 trabalhadores por família.

renda líquida (ver tabela), baixa tecnificação e elevada diversificação. Já a agricultura familiar dos países ricos emprega muito mais tecnologia e é mais especializada, em grande parte graças a dezenas de bilhões de dólares transferidos anualmente pelos consumidores e contribuintes.

Na verdade, situações específicas privilegiam modelos específicos. De uma forma geral, pode-se dizer que quanto maiores os custos fixos, a possibilidade de ganhos de escala e a necessidade de especialização dos trabalhadores, maior a competitividade dos modelos empresariais de maior escala à base de mão-de-obra contratada. Por outro lado, a agricultura familiar freqüentemente se mostra mais competitiva no caso de culturas menos suscetíveis a economias de escala – como a produção de laranja ou cana-de-açúcar para a indústria – e/ou dirigidas a nichos específicos e diferenciados de mercado – horticultura familiar dos cinturões verdes das grandes cidades.

Políticos, imprensa e acadêmicos tendem cada vez mais a polarizar as discussões em termos maniqueístas, como se houvesse um lado sempre bom e um sempre mau em todas as questões, entre as quais se encontra a do trabalho rural.

O aumento do emprego rural e agroindustrial pouco tem a ver com a inútil discussão sobre familiar *versus* patronal, e sim com a questão do aumento da renda e da competitividade da agricultura. E, para promover a competitividade, ninguém precisa se preocupar com a seleção deste ou daquele modelo, pois essa é uma das tarefas do próprio mercado. Precisa, isso sim, além de deixar o mercado funcionar, atuar em prol da redução das barreiras ao espírito empreendedor e lutar pela eliminação do conjunto de ineficiências conhecido como custo Brasil. É com isso que os políticos e os acadêmicos deveriam estar se preocupando e é isso que deveria estar na pauta da imprensa. Políticas públicas eficazes geram muito mais e melhores empregos do que a estéril teorização ideológica em torno de questões subjacentes.

Marcos Sawaya Jank é professor doutor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq-USP), e pesquisador sênior do Programa de Agribusiness da USP (Pensa). E-mail: msjank@usp.br

Fernando Sawaya Jank é administrador de empresas e produtor de leite em regime empresarial-familiar. E-mail: agrindus@linkway.com.br

Extra!

GESTÃO E FUTURO

Desafios do próximo milênio

Marcelo Prado

A agricultura do século XXI exigirá um empresário rural bastante evoluído, apto a deixar de lado velhos costumes.

Durante os próximos 20 anos as mudanças na agricultura serão cada vez mais intensas. Quando um produtor de grãos tiver que tomar a decisão sobre o que plantar, soja ou milho, por exemplo, terá que decidir também a que mercado será destinado o produto. A biotecnologia está segmentando as *commodities*. O milho terá um grão específico para aves, outro para suínos, outro para bovinos, produção de alimentos, óleo, fibras, glucose, amido etc. Já a soja terá diferentes níveis de proteína e óleo, com menos teor de ácido linolênico.

O empresário rural precisará ser mais empreendedor, conhecer o mercado global e buscar as melhores oportunidades comerciais. Os produtos alimentícios, obtidos através de grãos modificados geneticamente, terão selos de identificação para orientar o consumidor.

O gerenciamento será feito através da base de dados fornecidos pelo sistema de agricultura de precisão que permitem ao produtor rural controlar através de um computador todas as operações agrícolas. Esse processo ainda gera informações relevantes para a tomada de decisão quanto à utilização de maior ou menor quantidade de insumos, sempre com o objetivo de minimizar o custo de produção e maximizar a produtividade.